

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA**

SUZANIR GOMES ROSA

VIOLÊNCIAS NO RECREIO ESCOLAR

MARINGÁ

2014

SUZANIR GOMES ROSA

VIOLÊNCIAS NO RECREIO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga.

Coordenação: Prof^a Aline Frollini Lunardelli Lara. Orientação: Prof^a Dra. Ivana Veraldo.

MARINGÁ

2014

VIOLÊNCIAS NO RECREIO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Dra. Ivana Veraldo(orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Profª Mestre.Leila Pessôa Da Costa
Universidade Estadual de Maringá

Profª Dra. Ivone Pingoello
Universidade Estadual de Maringá

Aprovado em

Maringá,05 de Novembro de 2014.

Dedico este Trabalho ao meu esposo Marcos e aos meus filhos, Felipe e Gabriel. Eles são meu porto seguro e o alicerce da caminhada da vida; sem eles o que sou não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por toda a força e coragem, por conseguir chegar até aqui e por nunca ter desistido de mim.

À minha **família**, por todo amor, carinho e apoio, por compreenderem os meus momentos de ausência e de nervosismo pelos afazeres da faculdade;

Aos meus **filhos** Felipe e Gabriel, que mesmo sem saber por que, foram compreensivos e amorosos comigo, mesmo com a minha ausência constante;

Ao meu **esposo** Marcos, por ter vivenciado ao meu lado todos os momentos da minha graduação, suportando meus momentos ruins, meu mau humor. Foi companheiro, meu alicerce, teve paciência e me acalmou nos momentos de crise e em todas as madrugadas difíceis. Enfim pelo apoio e amor incondicional que dedicou a mim durante toda a minha graduação. Por acreditar no meu potencial e nunca ter permitido que eu desistisse no meio caminho;

À minha **mãe**, Valdete, por sempre me ajudar, dar forças e carinho para caminhar, por todo apoio, mesmo quando a correria da graduação não permitia que estivéssemos próximas.

Ao meu **pai** Geraldo, por todo esforço e dedicação, que mesmo tendo uma vida dura e de pouco estudos sempre incentivou a nunca parar de estudar e ser quem sou hoje.

As minhas **irmãs** Alessandra e Leoni, por todo carinho e compreensão ao longo da minha caminhada;

Ao meu **amigo** Edner Zuconelli, por todo carinho e ajuda prestada, por me apoiar e estar sempre pronto para o que fosse preciso, meu muito obrigado.

A todos os **professores** que fizeram parte da minha graduação, que contribuíram direta e indiretamente para a realização desse trabalho.

Agradeço à **professora** Aline Frollini Lunardelli Lara por toda a orientação e contribuição na minha formação tanto profissional como pessoal.

Aos **amigos e colegas** que participaram desses quatro anos de caminhada, em especial ao meu amigo Diony Leriano, presente de Deus na minha vida, por todo carinho e amizade que transferiu a mim, algo para além da UEM, amigo para uma vida toda.

Ao meu **amigo e sempre professor** José Antônio de Oliveira, por toda atenção e incentivo, e por ter me concedido o mérito de Pedagoga desde o primeiro dia da minha graduação;

Agradeço em especial a minha **orientadora** Ivana Veraldo, pela honra de tê-la ao meu lado, por ter aceitado ser minha orientadora e me ajudado em tudo. O meu “muito obrigada” por todas as orientações, conselhos, correções, pela paciência em me auxiliar sempre que eu me desesperava, pelo exemplo de professora que é, inteligente, atenciosa e dedicada, mesmo quando eu estava completamente perdida (fora da casinha);

Enfim, agradeço aos **participantes desta pesquisa**, que aceitaram contribuir para as análises.

**"Se não se domina o já conhecido não
é possível detectar o não conhecido".**
(Demerval Saviani)

ROSA, Suzanir Gomes. **Violências no recreio escolar**. Maringá, 2014. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual de Maringá.

RESUMO

O espaço e o tempo que mais tem sido ocupado pelas violências no interior da instituição de ensino é o recreio. Vários fatores que envolvem o recreio podem favorecer as brincadeiras violentas. Por exemplo: espaço físico reduzido, grande número de alunos nos pátios, a diversidade de gênero, a diferença de idade dos alunos, música alta, calor excessivo, ausência de natureza, ausência de opções de brinquedos, de jogos e brincadeiras, profissionais sem formação e responsáveis pelos alunos, etc. É nossa intenção entrar nessa discussão e revelar quais são os tipos de violências que mais ocorrem no horário do recreio escolar, de que modo esse tempo e esse espaço está contribuindo para aumentar as estatísticas de violências nas escolas e o que os educadores podem fazer para minimizar esse problema. Nosso trabalho de conclusão de curso apresenta um estudo teórico sobre a violência escolar no horário do recreio bem como oferece o resultado de uma pesquisa de campo (com observações e entrevistas) realizada no recreio escolar de duas escolas do município de Sarandi. Apresentamos também uma revisão de alguns autores que defendem a tese do recreio direcionado como possibilidade de minimizar a ocorrência de episódios de violência no horário do recreio.

Palavras-chave: Violência. Escola. Recreio

ABSTRACT

The space and time which has been more occupied by the violence inside the institution of teaching is the recess. Several factors involving the recess may favor the violent pranks. For example: reduced physical space, large number of students in the courtyards, gender diversity, the difference in age of the students, loud music, excessive heat, absence of nature, absence of toy options, games and pranks, professionals without training and responsible for the students, etc. We intend to enter into this discussion and reveal what are the types of violence which occur more in the school recess time, how this time and this space is contributing to increase the statistics of violence in schools and what educators can do to minimize this problem. Our course conclusion paper presents a theoretical study about school violence in time of recess as well as provides the result of a field survey (with observations and interviews) conducted in a school recess of two schools from Sarandi. We also present a review of some authors who defend the thesis of recess directed as a possibility to minimize the occurrence of episodes of violence at recess time.

Keywords: Violence. School. Recess

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONCEITUANDO A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.....	13
3. O RECREIO ESCOLAR: UM TEMPO E UM ESPAÇO DE VIOLÊNCIAS?..	15
4. ANÁLISE DE DOIS CASOS.....	20
4.1. Escola A.....	20
4.2. Escola B.....	23
4.3. Considerações.....	28
5. O RECREIO COMO ESPAÇO EDUCATIVO.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
7. REFERÊNCIAS.....	35
8 . APÊNDICES.....	37

1 INTRODUÇÃO

A literatura sobre a violência escolar geralmente informa sobre a violência contra a escola, porém, nos dias atuais é cada vez mais comum a violência física e verbal entre alunos e entre alunos e professores.

A violência pode ocorrer em todos os espaços da escola e em todos os momentos do horário escolar, contudo, pesquisas revelam que alguns espaços e horários concentram mais episódios. O espaço e o tempo que mais tem sido ocupado pelas violências no interior da instituição de ensino é o recreio e, por esse motivo, nos interessamos em estudá-lo.

Parece que vários fatores que envolvem o recreio podem favorecer as brincadeiras violentas. Por exemplo: espaço físico reduzido, grande número de alunos nos pátios, a diversidade de gênero, a diferença de idade dos alunos, música alta, calor excessivo, ausência de natureza, ausência de opções de brinquedos, de jogos e brincadeiras, profissionais sem formação, etc.

É nossa intenção entrar nessa discussão e revelar quais são os tipos de violências que mais ocorrem no horário do recreio escolar, de que modo esse tempo e esse espaço está contribuindo para aumentar as estatísticas de violências nas escolas e o que os educadores podem fazer para minimizar esse problema.

Além de apresentar um trabalho teórico, ou seja, uma revisão bibliográfica sobre a violência nas escolas em geral e sobre a violência no recreio escolar, foi realizado um trabalho de observação do recreio escolar de duas escolas do município de Sarandi.

Escolhemos Sarandi por três razões.

Primeiro, por morarmos nessa cidade, o que facilita a pesquisa de observação.

Segundo, porque é um município anexo a Maringá¹, tendo com a cidade sede de nossa universidade forte ligação nos aspectos políticos, sociais, econômicos, transportes, segurança, educação, saúde, lixo, etc. Assim, todos os fenômenos que ocorrem em Maringá ou em Sarandi estão interligados.

¹O município de Sarandi está localizado na região norte do Paraná; faz parte da região metropolitana de Maringá; possui aproximadamente 87 mil habitantes, e é conhecido como cidade periférica de Maringá.

Terceiro, porque Sarandi é considerado um dos municípios mais violentos do estado do Paraná e pesquisas recentes apontam a violência escolar no município como algo preocupante. Estudiosos da violência afirmam que esse fenômeno em Sarandi ocorre pelo motivo da falta de desenvolvimento do mesmo, principalmente pelo modo como se construiu historicamente a distribuição de riqueza na cidade.

Segundo Moura e Rodrigues (2009), Maringá, cidade vizinha de Sarandi, é uma cidade que apresenta índices econômicos superiores daqueles identificados nos municípios do entorno, consolidando, portanto, um processo de segregação socioespacial que empurra a miséria para Sarandi.

No município de Sarandi nos últimos anos tem aumentado consideravelmente o número de casos de violência ocorrido no interior da rede básica de ensino e relatados na mídia. Essa constatação nos chama a atenção para um estudo mais aprofundado sobre como se manifestam os casos de violência no interior das escolas.

Assim, realizar uma análise do recreio escolar como um tempo e um espaço no qual ocorrem episódios de violência é uma forma de aprofundar estudos sobre como se manifestam no espaço escolar as violências. Para isso, há que se conceituar o que é o recreio, como ocorre esse tempo e esse espaço.

Pretendemos avaliar o modo como a equipe pedagógica e a direção da escola se porta diante do quadro de violências que ocorrem durante o recreio; analisar a relação dos alunos com o espaço escolar do recreio e dimensionar os resultados dos trabalhos realizados pela equipe pedagógica para contornar as violências no recreio, caso ocorram.

Indicaremos quais são as principais violências que ocorrem entre os alunos no horário do recreio escolar e quais são as ações que vem sendo tomadas pelas escolas para enfrentar esse fenômeno.

No trabalho de campo realizamos entrevistas nas duas escolas com as Pedagogas responsáveis pelo horário do recreio, com as diretoras, e com as inspetoras de pátio, com o objetivo de verificar quais são as principais violências que ocorrem no horário do recreio, como os alunos agem, quais são os fatores causadores e como os profissionais agem para conter as ações.

A pesquisa de campo teve caráter investigativo, realizada por meio de visitas, entrevistas e observação durante o horário do intervalo. Foi uma observação não participativa, apenas com intuito de identificar os atos violentos dos participantes.

Dividimos nossa monografia em quatro partes. Primeiro, apresentaremos brevemente como alguns autores conceituam a violência nas escolas em geral. Depois, mostraremos o que é o recreio escolar, como ele vem sendo considerado um tempo e um espaço no qual ocorrem violências. Na terceira parte, apresentaremos a análise das duas escolas nas quais fizemos a pesquisa de campo e, por último, apresentaremos uma revisão bibliográfica mostrando alguns autores que defendem a tese de que o recreio pode ser um espaço dirigido e educativo que ajude a minimizar as violências.

2 CONCEITUANDO A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

A violência nas escolas é um fenômeno que atrapalha o processo de aprendizagem e é por isso que merece tanta atenção por parte dos educadores. Mas, muito há ainda a ser pesquisado sobre essa temática no cotidiano escolar e sobre o seu enfrentamento.

Marília Pontes Sposito - professora na Universidade de São Paulo, que desenvolve pesquisas em Sociologia da Educação, Sociologia da Juventude e Sociologia da Ação coletiva e dos Movimentos Sociais e estuda a violência escolar sugere que para compreender as práticas de agressões e superá-las é preciso esforços de entendimento sobre os “caminhos que permitirão a ação socializadora da escola” (2001).

Charlot (2002, p.2) apresenta três definições sobre violência escolar: a violência na escola, a violência da escola e a violência à escola. A violência na escola é a que não tem vínculo com a instituição, acontece no ambiente escolar, mas não tem relação com a educação. A violência da escola é a ação que os estudantes suportam dos responsáveis pelo corpo da escola. A violência à escola tem como intenção de atingir a instituição escolar e as pessoas que a representam.

Para Schilling (2008) a violência à escola é realizada por ex-alunos que sentem que a escola é inútil. Ela também considera violência contra a escola quando os governantes e gestores abandonam o prédio, quando há desvio de verbas, salários ruins, a não valorização dos docentes, etc. Para ela a violência da escola se apresenta em todas as formas de discriminação, no não ensinar, numa instituição sem o compromisso com a aprendizagem, ou nas ações agressivas que podem ocorrer entre os alunos e também com alunos e professores. E, a violência na escola é relacionada aos prédios abandonados, depredações; professores desmotivados, roubos, furtos, agressões, ameaças e brigas.

De fato, a escola tornou-se violenta por não estar respondendo mais às necessidades dos alunos. Segundo Sposito (1998, p. 73):

A violência seria apenas a conduta mais visível de recurso ao conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados simbólica e materialmente na instituição escolar, que não mais respondem ao seu universo de necessidades (SPOSITO, 1998, p. 73).

Conflitos escolares sempre existiram é algo que faz parte da estrutura da escola e do seu cotidiano, porém nos dias atuais tais conflitos estão se caracterizando e sendo abordados como violência.

Mas esses autores são cuidadosos em mostrar o quanto essa violência dos alunos também é uma violência social. Os alunos que são caracterizados como violentos causadores da desordem na escola, são realmente agressores ou são vítimas da sociedade?

Muitos alunos agem de forma agressiva na escola com companheiros de classe, professores, ou até mesmo destruindo o patrimônio da escola, para chamar a atenção, de pais e professores, por isso que não é correto rotular alunos, sem antes descobrir o que os está levando a ter comportamentos inadequados ao ambiente escolar.

Por exemplo, o conjunto de condutas indisciplinadas que sempre acontecem nas escolas passou a ser interpretado e classificado como violências, levando diversidade de condutas desviantes a essa condição e segregando os alunos antes tidos como indisciplinados na categoria mais temida, segregadora e estigmatizante de violentos (ARROYO, 2007, p.789).

A violência no interior das escolas é cada vez mais visível e presente, porém, a comunidade escolar muitas vezes é passiva com a violência, ignorando a sua existência, ou simplesmente denominando a responsabilidade como sendo de terceiros, sendo derivada do convívio familiar e de responsabilidade de pais e educandos.

Mas, qual é o ponto norteador da violência no espaço educacional? A escola, por sua vez se ausenta de sua responsabilidade, tornando inválido seu papel de escola, que também é de formação do homem em sociedade. “A escola entra neste debate contemporâneo sobre a violência, ora como vítima da violência externa, ora como algoz, quando vista como uma instituição com sua cota própria de violência” (SCHILLING, 2004, p.60).

Como se vê a violência que está dentro da escola reproduz a violência que está fora da escola. Porém sabemos que a escola pode contribuir para amplificar ou não essa violência. Assim, as ações tomadas no horário do recreio escolar diante dos atos de violência poderão ajudar a reproduzi-los ou amenizá-los.

3 O RECREIO ESCOLAR: UM TEMPO E UM ESPAÇO DE VIOLÊNCIAS?

Recrear vem do latim (recreare) de proporcionar recreio, de divertir, causar alegria, prazer ou brincar.

Considerando a época atual, violência urbana, crescimento das cidades, apartamentos, prédios, pequenos terrenos, shoppings, etc, sobram poucos espaços para as crianças brincarem.

O recreio/intervalo faz parte do cotidiano da escola, da formação e está inserido no currículo escolar e é parte integrante da escola e do horário/aula da escola. Cada escola define quanto tempo o intervalo tem de duração e em que momento ele ocorre.

Para as escolas o recreio é visto como um momento no qual os alunos e professores tem para dar uma pausa, este momento é a hora que o aluno tem para lanche, ir ao banheiro e brincar com os outros companheiros da mesma turma e de outras turmas, é o momento que a criança tem para socializar na escola e descansar das atividades escolares.

O recreio é um momento historicamente construído a partir da reformulação do cotidiano escolar fundamentadas em razões “médicos, higienistas e científico-pedagógico – para o gasto de energia e para o descanso, ou seja, por um lado descansar-se das aulas, por outro se gasta energia acumuladas que impedem a concentração”. (FARIA, 2002.p.17 **apud** PRATES 2010.p.17).

Como o recreio ocorre nas escolas? Como a legislação define isso?

O Artigo 34 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional explica que a jornada escolar no ensino fundamental inclui pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na Escola.

O parágrafo segundo informa que o ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino e deixa para os Sistemas de Ensino, por meio dos respectivos Conselhos de Educação, a responsabilidade de dizer como poderá ser cumprido esse tempo integral, devendo também, ser levado em conta o Plano Nacional de Educação.

O parecer da Câmara de Educação Básica (CEB) nº 05/97 considera as atividades escolares realizadas durante o recreio como mais um período de efetivo trabalho escolar, desde que as propostas façam parte do projeto político-pedagógico.

Portanto, assim como a sala de aula, os corredores, a biblioteca e mesmo os banheiros, o pátio também merece atenção. Cabe à equipe gestora cuidar para que esse espaço ofereça uma infraestrutura adequada ao uso. Ter um piso apropriado para que as crianças possam correr com segurança, colocar bancos, garantir áreas verdes e espalhar lixeiras pelo local são aspectos importantes a observar.

No PARECER N.º:CEB 02/2003 do Conselho Nacional de Educação, sobre o Recreio como atividade escolar a Conselheira Sylvia Figueiredo Gouvêa relatou:

No conjunto da legislação vigente fica claro que a jornada obrigatória de quatro horas de trabalho no Ensino Fundamental não corresponde exclusivamente às atividades realizadas na tradicional sala de aula. São ainda atividades escolares aquelas realizadas em outros recintos, com frequência dos alunos controlada e efetiva orientação da escola, por meio de pessoal habilitado e competente, referidos no Parecer CNE/CEB 05/97 que, no seu conjunto, integram os 200 dias de efetivo trabalho escolar e as 800 horas, mínimos fixados pela Lei Federal 9394/96. O fato do recreio ser considerado “efetivo trabalho escolar” não é um entendimento novo. Já foi adotado quando da implantação da Lei 5.692/71 e o CFE, no Parecer 792/73, de 5-6-73, concluiu: ‘o recreio faz parte da atividade educativa e, como tal, se inclui no tempo de trabalho escolar efetivo...; e quanto à sua duração, ‘... parece razoável que se adote como referência o limite de um sexto das atividades (10 minutos para 60, ou 20 para 120, ou 30 para 180 minutos, por exemplo)’. (PARECER N.º:CEB 02/2003

A relatora do Conselho Nacional de Educação esclarece que o que ocorre no recreio deve estar previsto na Proposta Pedagógica das escolas pois trata-se de efetivo trabalho escolar, desde que cumpram os dias letivos e as horas aulas estabelecidas. Vejamos:

Para melhor encaminhamento desse assunto devemos, considerar o Artigo 12 da LDBEN que fixa a seguinte responsabilidade para as Escolas:

“Art. 12 – Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I- elaborar e executar sua proposta pedagógica;

II- administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;

III- assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aulas estabelecidos.” (PARECER N.º:CEB 02/2003).

A relatora ainda esclarece o seguinte quanto ao cômputo da carga horária do recreio desde que faça parte da proposta pedagógica.

À vista do exposto, a Câmara de Educação Básica encaminha aos órgãos gestores dos sistemas de ensino as seguintes orientações:

1ª.) A Proposta Pedagógica da Escola é a base da Instituição Escolar, no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

2ª.) A Escola, ao fazer constar na Carga Horária o tempo reservado para o recreio, o fará dentro de um planejamento global e sempre coerente com sua Proposta Pedagógica.

3ª.) Não poderá ser considerado o tempo do recreio no cômputo da Carga Horária do Ensino Fundamental e Médio sem o controle da frequência. E, a frequência deve ser de responsabilidade do corpo docente. Portanto, sem a participação do corpo docente não haverá o cômputo do tempo reservado para o recreio na Carga Horária do ano letivo dessas etapas da Educação Básica.

4ª.) Não há exigência explícita de Carga Horária para a Educação Infantil, na legislação.

5ª.) Se a Escola decidir fixar a Carga Horária para a Educação Infantil, pode administrar seu pessoal docente para o cumprimento dessa determinação interna da instituição de ensino, sempre de acordo com a sua Proposta Pedagógica. (PARECER N.º:CEB 02/2003)

Há também a questão dos pátios escolares nos quais geralmente acontece o recreio nas escolas. Há uma recomendação do MEC acerca dessa questão para a educação infantil², mas não para os demais níveis de ensino. Na educação infantil a área construída da escola deve ocupar cerca de 50% do terreno disponível, de modo que o espaço restante comporia a área livre.

Tal indicação pode até garantir quantidade de espaço, no entanto pode ser insuficiente para garantir sua qualidade.

O recreio que deveria ser um momento de descanso em muitos casos deixa os alunos ainda mais cansados, as instituições de ensino em sua grande maioria não oferecem nenhum tipo de atividade ou recreação para que os alunos ocupem o tempo e espaço do recreio, o espaço para o recreio escolar é fundamental é importante que este espaço seja pensado.

²BRASIL. Ministério da Educação (2006). *Parâmetros básicos de Infra-Estrutura para Instituições de Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB.

E nas escolas o único momento que as crianças tem de brincar é no recreio, porem muitas escolas não dispõem de espaço adequada para a recreação das crianças, algumas escolas disponibilizam do espaço porem não adapta para tal recreação, as crianças ficam soltas livres para brincarem do que querem gerando assim muitas vezes conflitos entre elas. Conforme ressalta Lopes. Lopes e Pereira (2006, p.276).

As características dos espaços de recreio condicionam os acontecimentos, se está vazio de estruturas e materiais, as crianças brincam com seus próprios corpos (lutam, correm e perseguem-se) e frequentemente inventam conflitos, se existem materiais, as suas relações são mediadas pelos materiais e as regras dos jogos, ajudando a resolver conflitos.

Os recreios escolares como já mencionado anteriormente faz parte da aula conta como hora/aula e é dever da instituição escolar estruturá-lo para atender a necessidade do aluno, e dever fazer parte do projeto político pedagógico da escola o planejamento e a organização do recreio/intervalo para que os alunos tenham acesso a brincadeiras e ao espaço recreativo, diminuindo assim as possibilidades de acontecerem conflitos entre os alunos, e possíveis agressões entre pares que geram a briga e disputas de objetos, até mesmo o domínio de alunos maiores sobre o menores ou de meninos que batem em meninas ou ficam fazendo brincadeiras desagradáveis.

Atitudes de cunho violento são vivenciadas diariamente pelas escolas, as manifestações são mais especificas no período de recreio/intervalo. Durante o recreio os alunos estão exposto a um momento diferente do cotidiano da sala de aula, a maioria das escolas não dispõem de um lugar apropriado para o intervalo e o mesmo é realizado no pátio ou algo equivalente, os alunos não tem atividade direcionadas, e por sua vez tem comportamentos e brincadeiras violentas, como brincadeiras de lutas, socos, chutes, empurra-empurra, puxões, murros nas costas, corredor polonês, brincadeiras essas que acabam gerando conflitos entre os alunos e brigas muitas vezes com maiores gravidades, muitas vezes as crianças começam com brincadeiras inocentes porém estas brincadeiras em alguns casos ultrapassam os limites de brincar e consequentemente se tornam brigas reais.

Segundo SMITH (2003) as brincadeiras de “lutinhas” na maioria das vezes acabam se transformando em lutas/brigas reais.

A luta a sério e a brincar podem parecer similares e são por vezes confundidas. A luta a brincar parece-se superficialmente com a luta a sério, uma vez que muitos dos componentes desse comportamento, tal como lutar, prender, bater ou pontapear ou imobilizar, são iguais, pelo menos de um ponto de vista descritivo comportamental de primeira ordem. (SMITH, 2003, p.23).

Para Lopes (2005) o comportamento agressivo dos alunos é um modelo do mundo exterior que é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo. Comportamentos estes que são possíveis vivenciar com mais frequências no período/horário do recreio, que é onde há um número maior de crianças, que contribui para o aumento dos conflitos entre pares.

Segundo Pereira, Neto e Smith (2003), brigas, agressões, conflitos entre as crianças que ocorrem com frequência nas escolas, causam sérios problemas para a criança agredida, podendo até mesmo causar traumas da escola para o resto da vida, a escola deixa de ser vista pela criança como algo bom e transforma-se em um lugar onde ela é humilhada e mal tratada pelos “colegas”.

O recreio é um tempo e um espaço, afirma Barros, de auto formação a diferentes níveis: motor, social e emocional. No recreio, continua o autor, “as crianças estão entregues a si próprias: são elas que escolhem o seu grupo de amigos, as atividades e jogos que podem realizar, sem a influência direta de professores e adultos.” No recreio, as crianças tomam decisões, escolhem o grupo, definem quando devem iniciar e terminar o jogo (BARROS, 2012, p 92).

4 ANÁLISE DE DOIS CASOS

Fizemos a observação do recreio de duas Escolas, uma municipal e uma estadual. Denominaremos de escola A e B; a escola A é uma escola municipal séries iniciais do ensino fundamental e a escola B é uma escola estadual ensino fundamental séries finais.

4.1 Escola A

A escola A, localizada em Sarandi é uma escola de ensino fundamental que oferta as séries iniciais.

A escola tem 560 alunos matriculados e distribuídos em dois turnos, aproximadamente 270 alunos no período vespertino, horário no qual foi realizada a observação durante 8 dias/aulas.

O recreio da escola tem a duração de 25 minutos, sendo 10 minutos no refeitório e 15 minutos no pátio. O recreio é separado por séries (ano).

No primeiro horário, que é das 15hs até as 15h25min é realizado pelas turmas do pré, os 1º anos e um 2ºano; o segundo intervalo é realizado das 15h30min às 15h55min e dele participam um 2ºano, dois 3ºano, um 4ºano e um 5ºano.

No refeitório, as turmas são acompanhadas por suas professoras, uma auxiliar operacional e por uma pedagoga. Após a refeição as crianças são direcionadas pela auxiliar operacional até o pátio onde elas ficam até o término do intervalo.

O recreio é supervisionado por cinco funcionários: quatro auxiliares operacional (zeladoras/serviço gerais) e por um guarda. Os funcionários são orientados a observar os alunos e não deixar que adentrem o prédio da escola durante o intervalo ou que saiam do pátio da escola e ficam atentos aos alunos e em caso de brigas ou tumultos interferem.

A escola não disponibiliza de nenhum recurso ou material pedagógico para as crianças e as crianças ficam livres para brincar do que elas quiserem, Segundo a diretora da escola:

[...]o tempo do intervalo é muito pouco para desenvolver uma atividade com os alunos. O espaço destinado para a realização

do recreio é um espaço amplo que conta com uma quadra de futsal coberta denominada como ginásio, e para a realização do recreio as crianças contam também com um amplo pátio, onde tem árvores e calçadas.

Nos dias chuvosos o recreio ocorre apenas na quadra de futsal e os alunos são proibidos de circular pela escola.

Observamos um recreio com chuva e percebemos que é muito tumultuado: as crianças brincam de empurra-empurra, os meninos provocam as meninas e no final deste recreio muitas crianças estavam todas sujas e o retorno as salas de aula foi mais demorado do que de costume.

Notamos que a quadra era ocupada na sua maioria por meninos, que brincavam com garrafas pet ou pedrinhas simulando ser bola.

Já as meninas brincavam no pátio de correr ou de maquiagem. Muitas meninas tinham junto com elas batom, estojo de maquiagem e durante o intervalo pintavam umas às outras.

Durante a nossa observação na escola presenciamos algumas brigas entre os meninos, as brigas eram geradas por causa da bola. Os atos presenciados foram chutes e mordidas. As brigas foram separadas e apaziguadas pelas inspetoras de pátio.

Na escola existe espaço para a realização do recreio. O espaço é amplo porem não existe por parte da escola o interesse de explorar o espaço e de utilizar o recreio com alguma atividade ou alguma recreação com as crianças. Durante a observação pudemos analisar o trabalho das auxiliares operacional, que desenvolvem um trabalho ao qual não foi contratada para tal finalidade, elas não são capacitadas para desenvolvem a função de inspetoras de pátio, e muitas não têm carisma e nem paciência com as crianças. Em repetitivos momentos observamos que elas estavam encostadas na parede do pátio, muitas vezes afastadas dos alunos. Presenciamos também alguns momentos em que elas se dirigiam às crianças e que elas elevavam o tom de voz, revelando despreparo na profissão.

Notamos que a quadra destinada para o recreio e para as aulas de educação física tinha em seu interior, no canto próximo a porta de saída e arquibancadas, restos de materiais (lousa quebras carteiras desmontadas), materiais estes que durante os intervalos serviam como brinquedos para os alunos. A pedagoga, ao ser

questionada sobre os restos de materiais nos informou que não sabe a quem pertencia, já que no mesmo terreno da escola está localizado o prédio da secretaria de educação do município.

Realizamos entrevista com a diretora da escola, a pedagoga e uma auxiliar operacional indicada pela a diretora da escola.

A diretora da escola, tem 43 anos, 25anos de magistério e há 15 anos atua nessa escola como professora e exerce o cargo de diretora há 6 anos. Segundo ela, o diálogo com a equipe pedagógica e o grupo de apoio é constante, porém não existe nada fora do normal na escola. O que ocorre raramente são chutes e empurrões, muitas vezes por causa de algum objeto que uma criança tem e a outra quer. A diretora disse que nunca recebeu nenhuma capacitação sobre a temática, mas que sempre está lendo sobre o assunto. Segundo ela, seu contato com os intervalos é direto, nos momentos em que permanecemos na escola não observamos a presença da por pedagoga no pátio ou arredores do recreio, as mesmas sempre estavam em suas receptivas salas.

Durante a entrevista a diretora falou que até seria interessante se os intervalos das crianças fossem menos “barulhentos”, mas que a escolas não tinha funcionários e o tempo do recreio era muito pouco para realizar uma atividade direcionada.

Para a diretora e para a pedagoga da escola o recreio é o “momento que os alunos e os professores tem para descansar”, mas não foi o que observamos no intervalo, os alunos ocupam o momento para correr e desenvolver brincadeiras agitadas, retornando para a sala todos cansados muitas vezes sujos e suados ou seja o momento de “descanso” não está sendo realizado.

4.2 Escola B

A segunda escola observada foi a escola estadual, na qual é ofertado o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e o Ensino Médio, dividido em três turnos, na data da pesquisa a instituição possuía 1500 alunos matriculados. O período em que a pesquisa foi realizada é o período vespertino e, neste período, o número de alunos matriculados era de 670 alunos, com idade entre 11 e 16 anos.

A escola está localizada na região central do município de Sarandi e recebe alunos de todas as regiões do município.

Nossa observação na instituição se realizou em 7 dias/aulas. A pesquisa foi realizada por meio de uma entrevista com o diretor, uma entrevista com a pedagoga e uma entrevista com a inspetora de pátio. Depois foi realizada a observação do recreio escolar da instituição.

O recreio da escola tem a duração de 15 minutos. Tem início às 15h40min e termina às 15h55min. Durante o recreio os alunos lancham e brincam; alguns ficam a maior parte do tempo na fila do refeitório aguardando para lancharem, outros preferem comprar o lanche na cantina da escola.

O refeitório da escola é amplo, possui mesas e cadeiras, os alunos se acomodam para lanchar e durante o lanche existe um funcionário (auxiliar de apoio) que realiza o monitoramento dos alunos, para que os mesmos mantenham a ordem e a organização do refeitório.

O recreio é realizado no pátio que é amplo, todo calçado, com algumas poucas árvores, com vários bancos nos quais os alunos se reúnem em grupos para conversar e alguns “batem figurinhas”, outros usam a sombra das árvores para ouvir músicas. No pátio da escola tem uma mesa de pingue-pongue e uma quadra na qual tem uma rede de vôlei.

Os alunos no pátio são supervisionados por sete funcionários de diversos setores da escola. Esses funcionários de apoio exercem a função que estiver necessitando no momento: durante o período de aula alguns ajudam na limpeza do pátio e dos banheiros, outros ajudam a preparar a merenda e, no período do intervalo/recreio, estes funcionários exercem a função de monitores de aluno.

Segundo a pedagoga na entrevista realizada por nós os monitores são orientados a estar sempre próximo dos alunos e a evitarem que eles criem algum

conflito entre eles, e se ocorrer algum caso mais grave é dever dos monitores intervir e comunicar a supervisão imediatamente.

Durante a observação percebemos que o recreio era um momento bastante aguardado pelas as crianças. Chegávamos ao pátio antes do sinal tocar, assim conseguíamos presenciar o momento em que as crianças saiam da sala de aula. Em todos os dias observados as reações dos alunos foram as mesmas: ao tocar o sinal muitas crianças já estavam em pé dentro da sala de aula e saiam correndo em disparada, muitas corriam para a fila do refeitório outras para a cantina e muitas crianças, na sua maioria os alunos maiores, corriam para a única mesa de pingue-pongue disponível para muitas crianças.

Nossa observação se deu em vários ambientes/locais e momentos do recreio. Observamos como se realizava o recreio no refeitório, na cantina, no pátio e no local onde estava localizada a mesa de pingue-pongue.

Notamos que o recreio da escola B tem uma relação com a fala da pedagoga na entrevista:

[...]Recreio é o horário dos alunos lancharem [...] muitos alunos aguardam ansiosos por este momento e permanecem a maior parte do recreio no refeitório, muitos saem do refeitório direto para a sala de aula, não utilizam o tempo nem para ir ao banheiro ou tomar água.

Nos dias que observamos a escola não presenciamos nenhum ato de violência com maior gravidade, porém notamos alguns conflitos que ocorrem neste horário com maior frequência ocorrem ao redor da mesa de pingue-pongue. Os meninos grandes são os primeiros a chegarem e a tomar conta da mesa, e são eles que determinam quem vai jogar e por quanto tempo.

Quando questionada por nós sobre a monitoria da mesa, a pedagoga nos informou que um funcionário era escalado sempre para acompanhar e monitorar e realizar o rodízio da mesa de pingue-pongue. Porém, durante nossa observação, em nenhum momento observamos a presença de um funcionário nas proximidades do espaço destinado a recreação (mesa de pingue-pongue e quadra de vôlei).

Presenciamos alguns conflitos entres os alunos e muitas vezes eles mesmos se separavam. Os conflitos presenciados foram pelo motivo dos alunos estarem o tempo todo correndo e com frequência um esbarrava no outro, causando assim conflitos entre eles, quando menos esperava estava um menino batendo no outro e

começava uma correria, muitos alunos gritavam, outros aglomeravam um em cima do outro e formavam a maior confusão, até que um funcionário percebia e chegava gritando e tentando separar.

O espaço destinado para a realização do recreio é pequeno para a quantidade de alunos, a merenda é servida durante o horário do recreio, o que aparentemente não deixa visível a super lotação de alunos, à primeira vista, mas se todos os alunos em algum momento tiverem a necessidade de estar todos no pátio, o espaço revela não caber todos os alunos.

Notamos que a escola disponibiliza recurso pedagógico (mesa de pingue-pongue e quadra de vôlei) para que os alunos se ocupem durante os intervalos. Mas apenas um brinquedo é pouco para o número de alunos e a escola não orienta os funcionários e nem disponibiliza um funcionário exclusivo para o monitoramento dos alunos.

Na recreação e na utilização do brinquedo notamos que todos os dias eram os mesmos alunos que participavam dos jogos.

Durante a observação presenciamos uma cena curiosa. Um aluno menor barganhou com os maiores a chance de jogar dando-lhes barrinhas de cereais. Observamos o menino por um longo período. No dia em que levou a barrinha ele jogou.

Observamos este local do pátio todos os dias de observação e nunca observamos a presença ou interferência dos inspetores de pátio. Quanto à quadra de vôlei, ela nunca foi utilizada no horário do recreio.

Percebemos por meio da fala do diretor e da pedagoga que existe interesse da escola em ofertar uma atividade diferenciada para os alunos na hora do recreio, a escola até disponibiliza alguns recursos, porém é uma quantidade muito pequena de recurso se levarmos em consideração o número de alunos que dividem o horário do recreio; os materiais são entregues aos alunos, mas não existe ninguém responsável (funcionário) para monitorar e garantir que todos os alunos que tem interesse em participar, participem igualmente.

Durante a nossa observação notamos que muitos dos funcionários da equipe de apoio ficavam isolados dos alunos, muitas vezes conversando entre eles mesmos, os funcionários, na grande maioria das vezes só se locomoviam entre os

alunos na hora do término do intervalo, orientando os alunos a retornarem para as suas salas de aula.

O diretor da escola, trabalha na escola como professor há vinte anos e há cinco anos tem a função de diretor, ele reconhece que na escola existem várias manifestações que são consideradas violências: empurrões, chutes, rasteiras e a maioria destes atos acontecem porque os alunos passam a maior parte do recreio correndo uns atrás dos outros. Quando perguntamos qual era a função dos equipamentos esportivos que se encontravam a disposição dos alunos durante o recreio, o diretor e também a pedagoga, nos informaram que era para serem utilizados pelos alunos para terem o que fazer no intervalo.

Em vários momentos notamos a presença do diretor e também da pedagoga no pátio entre os alunos na hora do intervalo; nesses momentos em que a pedagoga ou o diretor circulavam pelo pátio o recreio era mais calmo, porém, quando estavam apenas os funcionários de apoio os alunos ficavam muito agitados.

Não presenciamos nenhum conflito de maior gravidade; a maioria dos conflitos era gerada por motivos como: meninos que passavam correndo e tomavam o boné do outro, brigas por causa de competição para ver quem tinha o aparelho celular mais potente que o outro; as meninas xingavam umas às outras por causa de paqueras/namoricos.

Presenciamos uma discussão entre duas meninas de mais ou menos treze anos, na qual uma xingava a outra e a ameaçava “se você não se tocar e parar de ficar mexendo com quem já tem dono vou quebrar a sua cara” “se enxerga nanica olha o seu tamanho vai tirar a fralda”, e assim continuou a discussão até que uma funcionária chegou e falou: “vamos, vamos acabou o recreio vocês não ouviram o sinal não, estão pensando o que?” As meninas saíram olhando feio e encarando uma a outra. Não ficamos sabendo o que ocorreu depois. Percebemos que ocorrências assim são comuns, porém tanto o funcionário como a escola não estão preparados para resolverem estes conflitos e impedir que eles mais tarde possam vir a se tornar o motivo de uma briga mais séria e com consequências graves.

[...] Quais as atitudes preventivas da escola contra a violência escolar durante o recreio?

R: Não existe atitude preventiva, agimos no momento que ocorre os casos, interferimos e orientamos em alguns casos solicitamos a

presença dos pais ou responsáveis [...] (trecho da entrevista realizada com a pedagoga da Escola B

Os principais comportamentos observados foram o empurra-empurra os xingamentos, tomar objetos dos outros e o domínio dos alunos mais velhos sobre os alunos mais novos principalmente na fila do lanche e na hora de jogar pingue-pongue.

Notamos que a equipe de funcionários que acompanhavam os alunos ficava mais na observação, intervindo apenas nos momentos realmente agressivos, e algumas intrigas passavam despercebidas.

Segundo o diretor:

[...]O colégio tem câmera de monitoramento, que auxilia a equipe pedagógica a ter sempre a observação de toda a escola, os aparelhos que transmitem as imagens das câmeras estão na sala do diretor e na sala da supervisão pedagógica, as câmeras monitoram o pátio, as salas de aula o refeitório e a quadra de esporte.

Percebemos durante as entrevistas e as observações da escola, que existem elementos fundamentais para a realização de um momento diferenciado para o recreio, a escola disponibiliza a ajuda das câmeras de monitoramentos, dos materiais esportivos como recurso, o diretor e a pedagoga se fazem presente no recreio junto com os alunos, a equipe só não tem um planejamento de como melhorar o espaço do recreio e torná-lo, para além do momento do lanche, um momento agradável e de recreação, onde todos os alunos de todas as idades consigam interagir entre si.

Em todos os dias de observação notamos que os alunos gastavam muito tempo para retornarem para a sala de aula, muitas vezes ficavam enrolando no pátio ou nos banheiros, alguns alunos um pouco mais ousados sentavam no banco e ficavam por lá, até a pedagoga ir colocá-los na sala, e este retorno só ocorria depois da pedagoga mandar por várias vezes.

4.3 Considerações

Durante a observação notamos que as duas escolas possuem realidades distintas, porém em alguns momentos encontramos semelhanças entre elas.

Na escola A, de ensino fundamental, séries iniciais, os alunos têm entre cinco e onze anos. Muitos ainda estão na infância, na qual o brincar é fundamental. Para eles as brincadeiras na hora do recreio são o ponto principal desse momento-espço. Os alunos brincam o tempo todo. Porém, além de correr e pular, também insultam os colegas, disputam espaços e atenção e brincadeiras deixam de ser saudáveis e ultrapassam o limite do prazer, gerando brigas que as vezes fogem do controle das crianças.

Na escola B, de ensino fundamental séries finais, os alunos têm de onze á dezesseis anos e estão em pleno desenvolvimento da fase da adolescência. As mudanças hormonais, as dificuldades emocionais dessa fase já determinam por si um certo grau de impulsividade e de agressividade. Trata-se da puberdade, fase de muitas mudanças físicas e emocionais. Entre os alunos ocorrem muitas brincadeiras de mau gosto, humilhações, piadas, competições e a busca da aceitação do outro. As brincadeiras são diferentes das crianças que frequentam a escola A e, conseqüentemente, os conflitos também. São muitos alunos de diferentes idades e os conflitos acontecem e, em alguns casos, com conseqüências graves. Os funcionários não conseguem lidar com os fatos e muitos tentam apaziguar, relevando situações ou deixando passar despercebidas

Em ambas as escolas, percebemos que os diretores e a equipe pedagógica têm consciência dos conflitos que ocorrem no espaço/momento do recreio e admitem a importância da sua atuação. Mas, durante a nossa observação notamos que apenas em uma escola, na escola B, o diretor e a pedagoga participam presencialmente do recreio junto com os alunos. Nesta escola presenciamos por várias vezes a presença da equipe no intervalo, circulando entre os alunos e interagindo com eles. Na escola A não observamos a presença da equipe pedagógica nos intervalos, realizando intervenções pedagógicas, ou até mesmo simplesmente fazendo-se presente para coibir ações mais violentas e transmitir segurança aos alunos.

Percebemos durante as entrevistas que os inspetores de pátio das duas escolas participaram de cursos ou atividades de capacitação continuada para desenvolver a profissão de monitores de alunos e recebem periodicamente orientações da escola como agir/reagir durante os conflitos entre os alunos.

[...] Qual é a relação sua com alunos e equipe pedagógica da escola?

R: Considero muito boa, as crianças me abraçam me beijam, acho que é porque muitos entram aqui no Pré e só saem no 5ºano, outros eu já trabalhava aqui quando os pais deles estudavam aqui.

10. Você tem alguma dificuldade na realização do seu trabalho no dia -a- dia do recreio escolar em relação aos casos de violências que ocorrem na escola?

R: Não, porque os alunos gostam muito de mim e quando eles brigam é entre eles. **(trechos da entrevista com a inspetora da Escola A)**

Porém, quando relatam o modo como agem diante dos casos de violências; a separar uma briga ou dar uma orientação os profissionais não exercem a função educacional, pedagógica, aproveitando a oportunidade para ensinar conceitos de cidadania e solidariedade. Eles agem dominados pelo afeto, pela moralidade e por vezes pela religiosidade. Semelhante ao modo como agiriam uma mãe ou um pai. O que no ato de coibir ou realizar o enfretamento da violência acarreta efeitos colaterais, submetendo a autoridade do profissional aos laços afetivos.

Durante a nossa observação percebemos que nos recreios de ambas as escolas os alunos ficam sem ter o que fazer, seria importante as escolas se planejassem para o horário do recreio, elaborando atividades direcionadas, com o objetivo de interagir os alunos, e evitando assim conflitos entre eles.

As escolas poderiam disponibilizar materiais lúdicos, jogos materiais esportivos para uso dos alunos durante o recreio.

5 O RECREIO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

Vimos como o recreio muitas vezes é um tempo e um espaço de violências, porém, ele pode ser um tempo e um espaço de aprendizado, de socialização, de brincadeiras, de jogos e de projetos culturais.

Devemos lembrar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (Parecer CNE/CEB 04/98) determinam que as escolas deverão estabelecer, como norteadoras de suas ações pedagógicas, vários princípios, entre outros, os da solidariedade, da criticidade, da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações culturais e artísticas. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Parecer CNE/CEB 15/98) retomam as mesmas determinações.

Assim, as atividades livres ou dirigidas durante o período de recreio podem possuir um enorme potencial educativo e devem ser consideradas pela escola na elaboração da sua Proposta Pedagógica. Os momentos de recreio podem ser fundamentais para a expansão da criatividade e para a socialização dos alunos.

Na legislação, o recreio e os intervalos de aula são horas de efetivo trabalho escolar, conforme conceituou o CNE, no Parecer CEB nº 05/97:

As atividades escolares se realizam na tradicional sala de aula, do mesmo modo que em outros locais adequados a trabalhos teóricos e práticos, a leituras, pesquisas ou atividades em grupo, treinamento e demonstrações, contato com o meio ambiente e com as demais atividades humanas de natureza cultural e artística, visando à plenitude da formação de cada aluno. Assim, não são apenas os limites da sala de aula propriamente dita que caracterizam com exclusividade a atividade escolar de que fala a lei. Esta se caracterizará por toda e qualquer programação incluída na proposta pedagógica da instituição, com frequência exigível e efetiva orientação por professores habilitados. Os 200 dias letivos e as 800 horas anuais englobarão todo esse conjunto. (Parecer CEB nº 05/97)

Como, então, o recreio pode ser aproveitado para o aprendizado ou para a socialização?

Pereira, Neto e Smith (2003), afirmam que a disponibilização de locais à prática de futebol, a criação de novos espaços lúdicos, a preservação de espaços verdes, a diversificação dos locais, dentre outras táticas, são algumas das estratégias possíveis de melhorias do recreio escolar. Para esses autores os

espaços dos jogos podem contribuir para amenizar a ocorrência de atitudes violentas no recreio escolar. A diminuição da violência no recreio ampliaria a possibilidade de socialização dos alunos.

Outra estratégia importante é o planejamento do recreio, tanto do espaço, quanto do tempo. É fundamental a existência de um espaço exclusivo e direcionado para a realização do recreio nas escolas com a supervisão de funcionários preparados pedagogicamente para tal função.

É preciso ainda que haja estímulo para que todos os alunos participem das atividades. As atividades direcionadas diminuem reativamente a possibilidade de conflitos entre os alunos.

O recreio escolar assim como a ação de combate a violência no recreio é de responsabilidade da escola. Portanto é dever da escola promover atividades direcionadas para o período do recreio, inibindo assim a possibilidades de conflitos entres os alunos.

Um Parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação sobre o “Recreio como atividade escolar” declara que:

Estando os alunos sob a responsabilidade da Instituição, também durante os intervalos ou recreio, esses momentos podem se transformar em excelentes oportunidades para os educadores conhecerem melhor os educandos, assim como para exercerem a sua função educativa (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, PARECER N.º 02/2003), (BRASIL,2003).

Muitas pesquisas já confirmaram que agressões entre pares são mais frequente e as escolas tem o momento do recreio como horário de descanso e não como horário de aula, necessitando assim de novos olhares e ações pedagógicas da escola para este período, já que é este o único momento em que os alunos de todas as faixas etárias se encontram para a socialização. Segundo Pimenta:

[...] é necessário reinventar os recreios das escolas para prevenir o *bullying*: repensar a supervisão e o acesso a equipamentos móveis. Os espaços reduzidos, sem equipamentos de jogo, são espaços monótonos, aborrecidos, que parecem estar associados ao *bullying* (PIMENTA, In BARBOSA & PEREIRA & PEREIRA, 2011, p. 127).

Para que o recreio possa ser um espaço educativo é preciso que as escolas, junto com as Secretarias Municipais de Educação e com a Secretaria Estadual de Educação revejam a contratação de profissionais adequados para lidar com os alunos no pátio escolar. Como vimos nas observações das escolas em Sarandi não há ainda profissionais não-docentes capacitados para isso.

Há um documento do MEC intitulado “Por uma política de valorização dos trabalhadores em educação – em cena, os funcionários de escola” (MEC, 2004), que reconhece que todos os espaços da escola, além do espaço da sala de aula, são importantes espaços educativos e que o processo de aprendizagem também se complementa fora da sala de aula, onde o professor desenvolve um papel único e insubstituível, mas para o qual os funcionários não-docentes podem colaborar.

É preciso reconhecer que os profissionais não-docentes da educação pública básica sejam reconhecidos e valorizados como integrantes do processo educativo.

Existe a necessidade de uma atuação maior dos funcionários/monitores junto com os alunos. Para o recreio se tornar um lugar agradável pensamos que o recreio direcionado, com atividades interativas seria uma solução, um recreio dinâmico que possibilitasse que todos os alunos participassem de brincadeiras e jogos, tornaria este momento menos violento.

Atividades que promovem a interação e a socialização dos alunos seriam uma alternativa para se aplicar no horário do recreio. Atividades como esporte, gincanas, musicas, danças, jogos.

O lúdico desempenha papel fundamental para o desenvolvimento do aluno por meio de jogos e brincadeiras e o aluno tem interação com o outro, desenvolve momentos prazerosos e de companheirismo. Com as brincadeiras as crianças adquirem aprendizado também.

Segundo Weiss (1997), a brincadeira fornece, de qualquer maneira, inúmeras situações de aprendizagem, e o papel do educador é fundamental no sentido de preparar a criança para a competição sadia, dotada de respeito pelas regras e pelo adversário e o desejo do jogador de superar a si próprio.

É muito importante que o momento do recreio seja proporcionado aos alunos de uma forma inovadora e descontraída, afinal os alunos passam um momento longo do dia estudando e concentrado na sala de aula; assim, um momento de lazer e diferenciado é fundamental para descarregar as energias acumuladas.

Autores que estudam a possibilidade de recreio direcionado propõem que nesse momento-espço se construam cabanas em árvores, labirintos com arbustos no solo, espaços de aventura, olarias, carpintaria, hortas, criação de animais. Propõem Jogos de areia, jogos de construção, esportes como voley, futebol, handeboll, basquetebol.

Muitas brincadeiras podem ser realizadas: Pular corda, Pegador, Amarelinha, Dança, Futebol, Bambolê, Jogo da velha, Bilboquê, Chutar latinha, Burca, Brincar de carrinho, Rodas cantadas, Balança-caixão, Corre cutia, Futebol de pedras

Brinquedos podem ser instalados nas escolas, tais como: balanços, escorregadores, gangorras. As crianças podem também elaborar brinquedos a partir de sucatas por meio da realização de oficinas nos momentos e nos espaços do recreio.

Mas, alertam os estudiosos, é preciso planejamento, rodízio, organização.

Principalmente, é preciso evitar o foco num único tipo de atividade, por exemplo, a físico-esportiva. Devem fazer parte do contexto do recreio atividades como rodas cantadas, danças, capoeira, atividades de cunho artístico, social e intelectual, como artes cênicas, artes plásticas, jogos intelectuais, *shows*, etc.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convivência entre os alunos no tempo e no espaço do recreio é um termômetro do clima escolar.

São alunos explorando diferentes espaços e atividades.

Há escolas que, para evitar conflitos, colocam câmeras e inspetores a fiscalizar, estratégias de controle e restrição dos locais de circulação.

Essas práticas não educam os alunos para lidar com as tensões.

A escola é um lugar de socialização e devemos ensinar os alunos a lidar com os desentendimentos sem negar a existência deles.

As propostas a serem executadas no tempo e no espaço do recreio devem ser explicitadas no projeto político pedagógico da instituição, pois trata-se de efetivo trabalho escolar.

É fundamental que as escolas tenham profissionais capacitados para lidar com os alunos, os funcionários não-docentes, de modo a contemplar a proposta pedagógica da instituição. Também é importante que os espaços sejam planejados e adequados para o número de alunos, a circulação, o número de brinquedos, de tal modo que não ocorram conflitos.

Jogos, brincadeiras, monitoradas pelos funcionários não-docentes ou pelas pedagogas da escola, ou projetos dirigidos por profissionais da educação física são sempre bem vindos para que as crianças exercitem sua autonomia, sua criatividade, sensibilidade e se socializem com as demais. Tudo isso no horário do intervalo, o recreio, sem perder de vista a função social da escola.

Para implementar essas propostas faz-se necessário repensar a arquitetura das escolas, assim como a animação dos tempos do recreio.

Como já o dissemos é preciso transformar o recreio de um tempo e espaço de violências em um tempo e espaço de educação, cidadania e solidariedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G. “Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia”. **Educação e sociedade**. Campinas, vol.28, n.100 – Especial. 787-807, out. 2007. Disponível em: <http://www.cielo.br/scieo.php?>

BARROS, P.C.de. **Jogos e Brincadeiras na Escola: Prevenção do *Bullying* entre crianças no Recreio**. Tese de Doutorado em Estudos da Criança Especialidade de Educação Física, Lazer e Recreação. Universidade do Minho. Portugal. Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23210/1/Paulo%20Cesar%20de%20Barros.pdf> Acesso em julho de 2014.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Por uma política de valorização dos trabalhadores em educação: em cena, os funcionários de escola**. Brasília: MEC/SEB, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/em_cena.pdf Acesso em 15 de julho de 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96)**. Brasília: Gráfica Oficial, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso 10 de junho de 2014.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf> Acesso em: 24. jun. 2014.

CNE. Resolução nº 5/2005. Parecer CNE/CEB nº 16/2005. **Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para a área profissional de Serviços de Apoio Escolar**. Brasília/DF: MEC, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb016_05.pdf Acesso em 15 de julho de 2014.

BRASIL, MEC. **PARECER Nº: 5/97**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Proposta de Regulamentação da Lei 9.394/96, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1997/pceb005_97.pdf Acesso em 23 de julho de 2014.

FARIA, E. L. Apesar de você: **O brincar no cotidiano da escola**. Licere. Belo Horizonte. 2002.

LOPES Neto. Aramis, A; **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria. V.81, n.5 (Supl), 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06> Acesso em junho de 2014.

LOPES, L., LOPES, V.P., PEREIRA, B. **Atividade Física no recreio escolar: estudo de intervenção em crianças dos seis aos 12 anos**. Revista Brás. De Ed. Fis. Esp., V. 20. n. 4, out./dez. 2006, p. 271-280. Disponível em: <file:///C:/Users/Master/Downloads/16634-19784-1-PB.pdf> Acesso em maio de 2014.

BRASIL, MEC. **PARECER N.º 02/2003**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Recreio como atividade escolar. Distrito Federal, 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB002_2003.pdf Acesso em 23 de julho de 2014.

NEUENFELD, D. J. RECREIO ESCOLAR: O QUE ACONTECE LONGE DOS OLHOS DOS PROFESSORES? **Revista da Educação Física**. UEM, Maringá, v. 14, n. 1, p. 37-45, 1. 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/Master/Downloads/3479-10132-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Master/Downloads/3479-10132-1-PB%20(1).pdf) Acesso em maio de 2014.

PEREIRA, B. O.; NETO, C.; SMITH, P. Os espaços de recreio e a prevenção do “*Bullying*” na escola. In: NETO, C. **Jogos e desenvolvimento da criança**. São Paulo: Artes Gráficas, 2003.p. 228-267.

PIMENTA, E., Pereira, B & Lourenco, L.M. (2011). *Bullying*: efeitos de um programa de intervenção no recreio escolar In BARBOSA, Altemir Gonçalves; PEREIRA, LOURENÇO, Lílio Moura; PEREIRA, Beatriz (Org.). **Bullying conhecer e intervir**. Juiz de Fora: UFJF, 2011. Disponível em file:///C:/Users/Master/Downloads/C8%20-%20Bullying_efeitos-de_um_programa_de_interven%C3%A7%C3%A3o_no_recreio_escolar.pdf Acesso em junho de 2014.

SCHILLING, F. **Violência nas escolas: explicitações, conexões**. In: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. (Org.). Enfrentamento à violência na escola. Série Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos. Curitiba: SEED-PR, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_violencia_vol2.pdf Acesso em maio de 2014.

SCHILLING, F. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 104, p. 58-75, 1998. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n104/n104a05.pdf> Acesso em maio de 2014.

WEISS, L. **Brinquedos e engenhocas a atividades lúdicas com sucatas**. São Paulo: Scipione, 1997

APÊNDICES

APÊNDICES A: ESCOLA A: ESCOLA MUNICIPAL ENSINO FUNDAMENTAL SÉRIES INICIAIS

ENTREVISTA COM A DIRETORA DA ESCOLA

1. Função desempenhada na escola? Qual a sua idade e tempo de trabalho desenvolvido na instituição de ensino?

R: Diretora, 43 anos. 15 anos/6 anos como diretora.

2. Qual é o diálogo entre diretor e equipe pedagógica no quesito violência no recreio e as ações da escola como um todo?

R: Sempre tem, o diálogo é constante.

3. Quais os problemas de violências que o senhor (a) identifica em sua escola?

R: Chutes, muitos raros, normalmente por causa de objetos que um tem e outra quer tomar.

4. Que soluções o senhor (a) identifica para estes problemas?

R: Orienta os funcionários de apoio e conversa com os alunos envolvidos.

5. De que forma o senhor (a) se compromete com essas soluções?

R: Estou sempre em contato com a equipe de apoio e circulando pelo recreio.

6. Já participou de alguma capacitação (palestra ou curso) sobre a temática Violência no interior da escola ou algo parecido?

R: Não, mas estou sempre lendo sobre o assunto.

7. O senhor (a) tem algum contato direto com o intervalo da escola? Se sim descreva um pouco sobre este contato?

R: Sempre em contato. Conversando com o grupo de apoio.

8. Quando ocorrem casos de violências no recreio, qual é a interferência sua enquanto diretor (a), direta ou indiretamente?

R: Diálogo, de acordo com o que ocorre faço os encaminhamentos necessários.

ENTREVISTA COM O PEDAGOGO DA ESCOLA

1. Função desempenhada na escola? Qual a sua idade e tempo de trabalho desenvolvido na instituição de ensino?

R: Pedagoga; tenho 28 anos e a 1 ano trabalho nesta escola.

2. Qual é o número de alunos matriculados na instituição no turno vespertino e faixa etária. (turno que será realizada a pesquisa)?

R: A escola tem 560 alunos matriculados e no turno vespertino tem aproximadamente 270 alunos, a idade dos alunos é de 5 a 12 anos.

3. O que é recreio para a escola? A escola tem algum projeto para o recreio? Como é realizado o recreio? Como este espaço é organizado?

R: Recreio para a escola significa momento de descansar, a escola não tem nenhum projeto para a hora do recreio. O recreio é dividido em dois turnos e separado por series (ano), primeiro o pré, 1ºano e um 2ºano, depois um 2ºano, 4ºano e 5ºano, o recreio é de 25 minutos cada um 10 minutos no refeitório e 15 minutos no pátio. O recreio é realizado no ginásio, pátio e entorno.

4. Na escola há algum programa ou algum momento específico para discutir o tema violência com professores e funcionários em geral?

R: Não

5. E os alunos e os pais, de que forma eles são inseridos na discussão? A escola realiza reuniões, palestras ou outros contatos com os alunos e pais para tratar do assunto violência escolar?

R: Os pais são chamados a comparecer na escola, quando seus filhos se envolvem em alguma briga, a família é comunicada na hora. Mas é só quando acontece não faz parte do projeto da escola conversar com os pais ou alunos em outros momentos do ano letivo.

6. Qual é a duração do intervalo da escola?

R: O recreio tem a duração de 25 minutos, 10 minutos no refeitório e 15 minutos no pátio.

7. Existe separação no intervalo por turmas ou idade dos alunos? Se sim como é realizada esta separação?

R: Sim existe, e separado por turmas, números de alunos, no primeiro horário tem dois pré, dois 1ºano, e um 2ºano, no segundo horário tem um 2ºano, dois 3ºano um 4ºano e um 5ºano.

8. É realizada monitoria dos alunos nos intervalos?

R: Sim é realizada.

9. A escola disponibiliza um (ou mais) funcionário (s) para acompanhar os alunos durante este tempo? Se sim, quantos funcionários são e qual é a função de cada um deles?

R: Sim, são quatro auxiliares operacionais e um guarda, todos têm a mesma função cuidar dos alunos para que eles não se machuquem ou saiam para a rua.

10. Como é orientado este funcionário a interferir caso ocorra algum caso de violência entre alunos?

R: Orientamos, para que peçam para que as crianças parem de brigar, orientamos os funcionários para pedir ajuda para nós (pedagogas e diretora) e que evitem contatos.

11. Quais os tipos de violências mais frequentes que ocorrem no horário de recreio nesta escola?

R: Empurrões, soco, xingamentos, ameaças, as ocorrências acontecem mais com as crianças maiores do que com as pequenas.

12. Quais as atitudes preventivas da escola contra a violência escolar durante o recreio?

R: Orientar os alunos, separar os alunos que se envolvem em brigas.

13. São realizados cursos de capacitação (palestras, vídeos, reuniões, orientações... etc) para os inspetores de pátio?

R: Tem momentos sim, normalmente quando ocorre algum caso.

ENTREVISTA COM O INSPETOR DE PÁTIO

1. Função desempenhada na escola? Sua idade e tempo de trabalho desenvolvido na escola?

R: Auxiliar de serviço gerais, 52 anos , 17 anos.

2. Relate para nós como é o recreio da escola, atividades desenvolvidas pelos alunos, funcionários, comportamentos dos alunos, e fatos que ocorrem no cotidiano dos recreios?

R. O recreio da escola dura 25 minutos, 10 no refeitório e 15 no pátio, durante o recreio os meninos correm muito, as meninas brincam de pega - pega e de pintar uma as outras, algum meninos e meninas brincam juntos, mas na maioria das vezes é separado.

3. Qual é a relação sua com alunos e equipe pedagógica da escola?

R: Considero muito boa, as crianças me abraçam me beijam, acho que é porque muitos entram aqui no Pré e só saem no 5ºano, outros eu já trabalhava aqui quando os pais deles estudavam aqui.

4. Existem casos de violência no intervalo nesta escola? Que tipos de violências são mais comuns?

R: Sim, as mais comuns são gozação, riem das crianças mais gordinhas ou que tem o cabelo feio, às vezes algumas crianças se irritam daí acontecem casos de brigas mais serias de chutes e socos.

5. Qual é a intervenção realizada por você?

R: Eu converso, mas quando não param chamo a pedagoga.

6. Você já presenciou algum caso de violência com maior gravidade, qual foi a sua atitude e a da escola em relação ao ocorrido?

R: Só um menino de 8 anos que bateu em uma outra criança com um pau “o menino toma remédio”, a escola chamou a vó da criança e conversou com ela, agora ele está bonzinho.

7: Já sofreu algum tipo de violência, partindo de um aluno? Qual foi o procedimento tomando por você? E pela a escola?

R. Não

8. Você já participou de alguma palestra ou curso sobre a temática violência no interior da escola ou algo parecido?

R: Sim, no meio do ano existe um curso que a gente faz, e eles sempre falam sobre violência, é de formação pro pessoal da educação daí a gente participa.

9. Como você é orientado pela escola ou Secretaria Municipal ou Núcleo Regional a interferir caso ocorra algum caso de violência entre alunos no recreio?

R: Imediatamente chamar a direção, separar sem relar na criança pois pode machucar, conversar com eles.

10. Você tem alguma dificuldade na realização do seu trabalho no dia -a- dia do recreio escolar em relação aos casos de violências que ocorrem na escola?

R: Não, porque os alunos gostam muito de mim e quando eles brigam é entre eles.

APÊNDICES B: ESCOLA B ENSINO FUNDAMENTAL SÉRIES FINAIS

ENTREVISTA COM O DIRETOR DA ESCOLA

1. Função desempenhada na escola? Qual a sua idade e tempo de trabalho desenvolvido na instituição de ensino?

R: Diretor ,60 anos ,27 anos de profissão como professor de Física

2. Qual é o diálogo entre diretor e equipe pedagógica no quesito violência no recreio e as ações da escola como um todo?

R: Efetivo acompanhamento nos casos identificados como violência. Eu enquanto diretor junto com a equipe pedagógica sempre estamos dialogando e orientando. Quando acontece algum caso relatamos o fato em ata, e orientamos os alunos, em alguns casos os pais são convidados a comparecer na escola para tomar ciência, a maioria dos pais comparecem, “alguns casos isolados os pais dizem que é perseguição da escola contra o seu filho”.

3. Quais os problemas de violências que o senhor (a) identifica em sua escola?

R: Existem várias manifestações que são consideradas violência. Por exemplo: empurrões, aranhões, puxar cabelo, chutes, dar murros, rasteiras.

4. Que soluções o senhor (a) identifica para estes problemas?

R: O colégio tem câmera de monitoramento, que auxilia a equipe pedagógica a ter sempre a observação de toda a escola, os aparelhos que transmitem as imagens das câmeras estão na sala do diretor e na sala da supervisão pedagógica, as câmeras monitoram o pátio, as salas de aula o refeitório e a quadra de esporte.

5. De que forma o senhor (a) se compromete com essas soluções?

R: Existe diálogo com os alunos, em casos de brigas ou algum ato violento a princípio a equipe pedagógica que realiza a intervenção pedagógica, só em alguns casos extremos que existe a necessidade da minha intervenção, porém estou sempre em diálogo com os alunos, passo na sala de aula, participo do recreio diretamente, estou sempre em contato com todos os alunos.

6. já participou de alguma capacitação (palestra ou curso) sobre a temática Violência no interior da escola ou algo parecido?

R: Sim, várias, algumas sobre o tema violências mesmo, outras sobre indisciplina. As palestras são ofertadas pela UEM, formação continuada.

7. O senhor (a) tem algum contato direto com o intervalo da escola? Se sim descreva um pouco sobre este contato?

R: Sim, durante os intervalos caminho entre os grupos, converso, brinco puxo assunto, tento estar sempre presente.

8. Quando ocorrem casos de violências no recreio, qual é a interferência sua enquanto diretor (a), direta ou indiretamente?

R: O pedagogo é o primeiro a interferir, mas sempre que estou próximo ou sou solicitado, converso com os envolvidos, oriento e quando a necessidade convoco os pais ou em alguns casos mais grave comunico o NRE.

ENTREVISTA COM O PEDAGOGO DA ESCOLA

1. Função desempenhada na escola? Qual a sua idade e tempo de trabalho desenvolvido na instituição de ensino?

R: Pedagoga, 47 anos, 11 anos de profissão como professora magistério e a 7 anos atua nesta instituição.

2. Qual é o número de alunos matriculado na instituição no turno vespertino e faixa etária. (turno que será realizada a pesquisa)?

R: A instituição tem 670 alunos matriculados no período vespertino e a faixa etária dos alunos é de 11 a 16 anos

3. O que é recreio para a escola? A escola tem algum projeto para o recreio? Como é realizado o recreio? Como este espaço é organizado?

R: Recreio é o horário dos alunos lancharem e descansarem.

Não;

Os alunos têm 15 minutos de recreio que é destinado para eles se dirigirem até o refeitório tomar o lanche e depois normalmente eles se dividem em grupos onde ficam conversando, alguns alunos vão para a cantina pois não gosta da merenda da escola e compram algo para comer. Existe uma mesa de pingue pongue a disposição dos alunos para que eles possam brincar durante o intervalo e também tem uma quadra de vôlei.

4. Na escola há algum programa ou algum momento específico para discutir o tema violência com professores e funcionários em geral?

R: Reuniões pedagógicas, geralmente com os professores e orientações para os demais funcionários.

5. E os alunos e os pais, de que forma eles são inseridos na discussão? A escola realiza reuniões, palestras ou outros contatos com os alunos e pais para tratar do assunto violência escolar?

R: Os pais são convidados periodicamente para reuniões na escola e neste momento abordamos vários temas dentre eles o comportamento indisciplinado dos alunos.

6. Qual é a duração do intervalo da escola?

R: 15 minutos, porem tem dia que a necessidade de durar um pouco mais, devido a merenda que é servida, as vezes demora mais tempo para os alunos lancharem.

7. Existe separação no intervalo por turmas ou idade dos alunos? Se sim como é realizada esta separação?

R: Não

8. É realizada monitoria dos alunos nos intervalos?

R: Sim, alguns funcionários ficam no pátio durante o intervalo.

9. A escola disponibiliza um (ou mais) funcionário (s) para acompanhar os alunos durante este tempo? Se sim, quantos funcionários são e qual é a função de cada um deles?

R: Temos 8 funcionários, que observa os alunos durante o recreio, a função deles é observar e interferir caso ocorra alguma briga ou desavença entre os alunos.

10. Como é orientado este funcionário a interferir caso ocorra algum caso de violência entre alunos?

R: Os funcionários são orientados a interferir, separar os alunos envolvidos em conflitos e comunicar imediatamente a supervisão pedagógica.

11. Quais os tipos de violências mais frequentes que ocorrem no horário de recreio nesta escola?

R: Verbal, acho que poderia enquadrar no *Bullying*, físicas os meninos batem um no outro, chuta, murros, mas existe muitos casos de brigas entre as meninas, elas puxam o cabelo umas das outras algumas chegam a brigar igual menino.

12. Quais as atitudes preventivas da escola contra a violência escolar durante o recreio?

R: Não existe atitude preventiva, agimos no momento que ocorre os casos, interferimos e orientamos em alguns casos solicitamos a presença dos pais ou responsáveis.

13. São realizados cursos de capacitação (palestras, vídeos, reuniões, orientações...etc) para os inspetores de pátio?

R: Sim, durante a semana pedagógica, começo do ano letivo a SEED realiza palestras de capacitação com os funcionários operacionais da escola.

ENTREVISTA COM O INSPETOR DE PÁTIO

1. Função desempenhada na escola? Sua idade e tempo de trabalho desenvolvido na escola?

R: Funcionaria de apoio (operacional/ serviço gerais). Tenho 58 anos e trabalho na escola há 21 anos.

2. Relate para nós como é o recreio da escola, atividades desenvolvidas pelos alunos, funcionários, comportamentos dos alunos, e fatos que ocorrem no cotidiano dos recreios?

R: A grande maioria corre o tempo todo, muitos ficam a maior parte do tempo na fila do refeitório para lancharem, depois saem desesperado para irem no banheiro e beber água. Nós funcionários ficamos de olho o tempo todo, para que eles não briguem, mas as vezes eles acabam um esbarrando no outro daí já viu, se não ficar em cima da briga. O recreio é bem corrido muito barulhento e os alunos perturbam um ao outro.

3. Qual é a relação sua com alunos e equipe pedagógica da escola?

R: Minha relação é boa, não tenho o que reclamar nem dos alunos, nem das pedagogas sempre que preciso elas me atendem.

4. Existem casos de violência no intervalo nesta escola? Que tipos de violências são mais comuns?

R: Sim, empurrão, pontapés, tem dia que eles estão bem nervosos.

5. Qual é a intervenção realizada por você?

R: Converso, dou bronca, eles me respeitam muito, alguns só de eu olhar para eles, eles já param de disfarçam.

6. Você já presenciou algum caso de violência com maior gravidade, qual foi a sua atitude e a da escola em relação ao ocorrido?

R: Sim, tentei separar e chamei as pedagogas, que tomaram as devidas providencias, na época chamou os pais, a patrulha.

7. Já sofreu algum tipo de violência, partindo de um aluno? Qual foi o procedimento tomando por você? E pela a escola?

R: Sim, “uma vez um aluno me deu um soco enquanto eu separava o de uma briga, quebrou até meus óculos”. A escola chamou os responsáveis, orientou eu a registrar um boletim de ocorrência, mas não quis não, sei que foi meio que acidente, o aluno não me bateu porque ele quis.

8. Você já participou de alguma palestra ou curso sobre a temática violência no interior da escola ou algo parecido?

R: Sim, todo ano tem, lá no núcleo, na UEM, até o pessoal da Cesumar vem dar palestra, é muito bom eles dão orientação pra gente de como lidar com os alunos e como agir.

9. Como você é orientado pela escola ou Secretaria Municipal ou Núcleo Regional a interferir caso ocorra algum caso de violência entre alunos no recreio?

R: A não interferir, a chamar a atenção, mas eu não consigo sempre quero interferir, tem um grandão que quer bater nos pequenos, daí não deixo não. Entro no meio mesmo separo, levo pra supervisão.

10. Você tem alguma dificuldade na realização do seu trabalho no dia -a- dia do recreio escolar em relação aos casos de violências que ocorrem na escola?

R: Não, Adoro meu trabalho, tem alunos aqui que já “cuidei” dos pais deles, e hoje estou aqui de olho neles, eu adoro todos os alunos da escola, acho que conheço cada um pelo nome.